

EDIÇÕES PUCRS

1. Aspectos da Indústria no Rio Grande do Sul – Diderot M. Veloso, 1971, 70p.
2. Aspectos da Vida e Obra de Lobo da Costa – Ir. Elvo Clemente – Seibach, 1953, 233p.
3. Caminhos da Estilística – Teoria e Prática – Ir. Elvo Clemente, 1959, 140p.
4. Casa Dourada – Dionísio Fuertes Álvares, 1961, 65p.
5. Conseqüências Sociais do Processo de Urbanização para a Criança – Helena Iracy Junqueira, 1965, 64p.
6. Crisis de la Cultura Occidental (Ia) – Salvador M. Dana montañó, 1963, 258p.
7. Curso de Fonologia da Língua Portuguesa – Lyrís Wiedmann, 1974, 104p.
8. Dante Alighieri e a Tradição Popular no Brasil – Luis da Câmara Cascudo, 1963, 326p.
9. Didática do Ensino Superior – Diversos autores, 1965, 257p.
10. Dinâmica de Grupo Aplicada ao Ensino de Português – Lyrís Wiedmann, 1973, 60p.
11. Discurso Indirecto Libre en la Novela Argentina (EI) – Petrona Dominguez de Rodríguez Pasqués, 1975, 230p.
12. Educação Moral e Cívica – Salvador M. Dana Montañó, 1967, 156p.
13. Educação Permanente (A) – Editora Presença, Rio, 1976, 16p.
14. Efemérides dos Principais Fatos Relacionados com a Campanha do Paraguai – Antonio da Rocha Almeida, 1965, 124p.
15. Ensino de Valores – Délica Enncone, 1976, 76p.
16. Ensino: Sua Técnica, Sua Arte – Ruy Santos de Figueiredo, 1964, 220p.
17. Escuro Labirinto – Dionísio Fuertes Álvares, 1972, 57p.
18. Español Aplicado – Ejercicios – Juan José Mouriño Mosquera, 1973, 61p.
19. Estudios de Literatura Española Moderna – Luis Lorenzo Rivero, 1976, 185p.
20. Estudo sobre Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa – Ir. Elvo Clemente, 1969, 52p.
21. Gêneros Literários (Os) – Vários autores, 1973, 140p.
22. Geografia Física – 1º vol. – Ney Chrysostomo da Costa, 1978/80, 270p.
23. Geografia Física – 2º vol. – Ney Chrysostomo da Costa, 1978/80, 270p.
24. Geografia Física – 3º vol. – Ney Chrysostomo da Costa, 1978/80, 270p.
25. Geografía y Morfología del "Voseo" – José Pedro Goldman, 1976, 116p.
26. Grande Pesquisa sobre Cores e Motivação – Simão Goldman, 1963, 69p.
27. Grupos e Serviço Social – Simone Paré, 1971, 246p.
28. Hacia una Revisión Crítica de la Biografía de Larra – Gregório Cervantes Martín, EMMA, 1975, 200p.
29. Hinos de Síneio de Cirene – Ir. Hilário Máximo, Globo, 1960, 169p.
30. Hombre y los Medios de Comunicación de Masas (EL) – Raquel Yantorino de Elena, 1969, 145p.
31. Ideias Políticas no Brasil (As) – Afonso Arnos de Melo Franco, 1970, 38p.
32. Instrumentalidade e Funcionalidade – Édison Oliveira & Lúcia F. Pinto, 1972, 27p.
33. Inteira Voz (A) – Wilson Chagas, 1971, 81p.
34. Interpretação Crística de Textos – José Fernando Miranda, 1973, 238p.

O DRAMA DO SER EM FERNANDO PESSOA

Fábio Lucas

(Para Alexandrino Severino)

Apresentação

Nossa pesquisa do fenômeno poético em Fernando Pessoa deixará entre parênteses as clássicas análises da fragmentação do poeta nos heterônimos e do universo de informações ilustradoras acerca dos próprios objetivos que ele mesmo legou à posteridade.

Ficarão ao largo, assim, as suas reações à Ciência e à Tecnologia, o Ocultismo, os Templários, a Alquimia, enfim, sua convivência com as Ciências Ocultas, bem como as suas leituras de Kant, Nietzsche e Hegel, talvez as fontes do fundamento metafísico de seus poemas.

A propósito, mencione-se o trecho do poema que se inicia com "Gostava de gostar de gostar", incluído na coleção de Álvaro de Campos, em que se encontra: "... Dizias

Que no desenvolvimento da metafísica

De Kant a Hegel

Alguma coisa se perdeu." E o poema termina misteriosamente com "Hegel..."

Por mais tentadoras que sejam tais questões, em que sempre se têm encontrado novas nascentes de interpretação do poeta, o enigma pessoano nos conduziu, desta vez, a descrever o drama da expressão em íntima afinidade com a consciência filosófica do ser.

É que Fernando Pessoa se extremou, em meio aos seus contemporâneos, na busca da área de indeterminação que se situa ora entre a idéia e a linguagem, ora entre a emoção e a expressão. E mais: freqüentes vezes o poeta esteve estacionado entre a consciência de si e o limbo de um estado poético envolvido pelo enigma da palavra que germina o ser, em sua condição antropogênica.

Mediante seu conhecido poder verbal, foi capaz de transportar o leitor àquela zona obscura em que a consciência de si ainda não se mostrava concluída e, portanto, não tinha a certeza de si.

Ao mesmo tempo, fulgurou, em outras passagens, o drama da consciência de si incapaz de frutificar-se na consciência do outro, ou seja, de efetivar o

próprio reconhecimento ou traçar o que Hegel denominou uma consciência para-si.

Nessa operação da mente, o que realizou Fernando Pessoa foi transformar o processo cognoscitivo em matéria poética, em vibração verbal de tal ênfase, de tal força persuasiva, que o texto passa a ser uma tentativa de aproximar-se de verdades que a especulação filosófica tem buscado de modo sistemático, mas jamais com a beleza de que o poeta é capaz.

Além disso, o nosso trabalho se inscreve, a seu modo, na linha dos que procuram indagar do fascinante engenho que o poeta português sempre demonstrou de transitar verbalmente entre diversos códigos, operando transcódificações radicais, a ponto de instaurar copresenças incômodas à determinação de uma só autoria e dificultar a apresentação da totalidade da obra como um conjunto unitário.

Vai-nos preocupar menos o modo pelo qual Fernando Pessoa se inscreveu pluralmente na história literária, dividindo-se exteriormente em vários poetas, do que a maneira segundo a qual enfrentou e descreveu a própria divisão interior.

Neste ponto, os seus diversos momentos poéticos e os diferentes heterônimos serão considerados como fonte do mesmo fenômeno.

Permitam-nos, portanto, apresentar algumas considerações preliminares sobre o problema da consciência em si e sobre a projeção deste assunto na linguagem.

1. A consciência de si e do outro

Não há em Hegel um real independente do homem que pensa. Quando penso, sei que penso e eu me exprimo a mim mesmo meu próprio pensamento. Eis porque o **logos**, ou pensamento expresso, desempenha o papel de revelador do real.

O homem tende assim para a comunicação como para seu próprio ser. Ele é desejo, desejo de uma outra consciência humana, no dizer de Hegel.

O espírito sai do "em si", fechado, bloqueado, para a conquista de sua verdade.

A alternância entre a vida e a morte é humana propriamente, pois somente o homem é que morre: as plantas e os vegetais se decompõem.

É a morte que nos impede de ser uma imagem, mas é ela que nos faz deixar uma figura, uma realidade para os outros. Morte fecunda, que traz uma vida em si.

No pensamento de Hegel, a consciência de si somente atinge sua satisfação numa outra consciência de si. Assim, somente somos homens no meio de outros homens.

O espírito obedece à tendência de encontrar a si mesmo, ou seja, o "para si". Ao estado em que o espírito tem plena consciência de si, Hegel chama de "em e para si".

A consciência de si, que é desejo, apenas pode dar-se num mundo humano no qual ela se apresenta como consciência de um homem misturada às consciências dos outros homens. É o mesmo que dizer que nós somente somos homens com a condição de sermos **reconhecidos** como tal pelos outros homens e a dialética do desejo se prolonga através da luta pelo reconhecimento.

Não somos homens apenas porque temos a estrutura biológica de homem, antes porque somos psiquicamente homens. Não nos basta que nos sintamos tal, pois o que sentimos em particular, a título privado, não tem importância: o louco, o "alienado", pode sentir-se rei, embora o seu sentimento não possua nenhuma verdade, pois não foi **reconhecido** como tal. Somente o reconhecimento faz do sentimento subjetivo uma verdade objetiva. Precisamos dos outros para nos tomar nós mesmos.

Mas duas consciências de si, postas em presença, requerem uma situação dialética para que haja reconhecimento. Cada uma pode ter a certeza de si, mas ainda não a do outro. Para que a certeza subjetiva se torne verdade objetiva, é preciso obter, pela força, o reconhecimento do outro.

Pela força, porque o reconhecimento não se faz por si: a consciência somente se põe quando está em oposição. Aparecer como uma existência neutra é inofensivo, é apenas ser conhecido e, não, reconhecido.

A luta está no início do processo de reconhecimento, pois a vitória surge diante das consciências e não diante das coisas. Um vencido, conservado vivo, é o escravo. Se é morto, leva para o túmulo a vitória do outro. O escravo é aquele que prefere a vida biológica à liberdade. Já o senhor é a consciência para-si, a consciência chegada à sua plenitude.

1. A linguagem como transcendência

Na sequência do pensamento hegeliano, iremos encontrar, por parte de Merleau-Ponty, forte concentração no problema da linguagem e da expressão. Principalmente no valor heurístico da linguagem, na função conquistadora que se manifesta no escritor.

O pensador francês reflete como este se instala entre os signos já elaborados, num mundo já dotado da fala, e requer do leitor que reordene suas significações segundo a indicação dos signos que ele propõe.

Assim, a linguagem literária é a maneira imperiosa e breve que o escritor, sem transições nem preparações, nos transporta do mundo já dito a outra coisa.

O homem vem a ser o existente que faz e, assim como os outros seres vivem no mundo natural, o homem nasce e vive num **logos**, um mundo cultural. A linguagem, sustenta Merleau-Ponty no livro **Signes** (Paris, Gallimard, 1960, p.25), é "nosso elemento como a água é o elemento dos peixes."

Ainda no Prefácio de **Signes**, encontramos: "Parlant aux autres (ou à moi-même), je ne parle pas de mes pensées, je les parle, et cet qui est entre elles, mes arrière-pensées, mes sous-pensées." (ob. cit., p.27).

Para Merleau-Ponty, a poesia nos reconvoça por inteiro ao puro poder de exprimir além das coisas já ditas e já vistas.

Chega a mencionar, no **Résumés de Cours – Collège de France 1952-1960** (Paris, Gallimard, 1968), a poesia como o "milagre" de uma "união mística" do som e do sentido (ob. cit., p.26).

O escritor é levado para uma "intenção de significar" que o põe a escrever, a se exprimir. "Quando o escritor quebra e reorganiza a estrutura da linguagem, é guiado por uma certa 'lei desconhecida'. É esta 'lei desconhecida' ou 'intenção de significar' que precede e serve de motivação à palavra." (cf. Gary Brent Madison, **La Phénoménologie de Merleau-Ponty – Une Recherche des Limites de la Conscience**, Paris, Ed. Klincksieck, 1973, p. 131).

O mais importante nesta linha de pensamento, para ajudar-nos a compreender as propostas de Fernando Pessoa sobre a linguagem, é assinalar que a linguagem figura como um caso particular do poder irracional que a existência humana tem de introduzir no mundo natural um mundo de significações.

E, assim, a palavra aparece o "excesso de nossa existência sobre o ser natural" (cf. Merleau-Ponty, **Phénoménologie de la Perception**, Paris, 1962, 4a. ed., p. 229).

2. Fernando Pessoa: Figuração do eu impossível

Na **Mensagem**, Fernando Pessoa transmite a fórmula que tem sido a principal variante das reflexões sobre a sua poesia: **o mito é o nada que é tudo**. Define o terreno em que a linguagem se consagra como poética. Valoriza o período natural da vida humana em que tudo era sagrado, em que as coisas e os seres dividiam o mesmo espaço, em que as palavras eram coisas. A linguagem estaria além da região transnatural em que a havia deixado Merleau-Ponty, embora este haja encontrado nela não somente uma **razão**, um **logos**, mas também uma **luz** que transparece através dos homens e que constitui uma história, que é finalmente a história dos homens e de seus esforços de expressão.

Pode-se dizer de Fernando Pessoa o mesmo que Merleau-Ponty atribuiu a Malraux: tinha a "nostalgia das civilizações do sagrado." (**Signes**, p.65).

A partir do **Cancioneiro**, iremos notar como se avolumam as indagações de si que o poeta realiza ao longo da obra, bem assim aqueles momentos de esplendor, em que a busca se concretiza em expressões de rara cintilação.

Já no poema "Hora absurda" nos deparamos com esta assertiva: **Minha alma é uma lâmpada que se apagou e ainda está quente...**

O poema é de 1913. E, no poema significativamente encimado com o título "Além-Deus", provavelmente do mesmo ano, temos, na unidade V – "Braço sem Corpo Brandindo um Gládio" –, estas indagações:

Entre o que digo e o que calo
Existo? Quem é que me vê?

Perguntas que estão no cerne da proposição que surpreendemos no Prefácio de **Signes**, transcritas acima, que fazem lembrar aquele intrigante enunciado de E. Benveniste: "**Disent je, je ne puis pas parler de moi.**"

Prossigamos: de 1914 é o famoso poema "Chuva oblíqua", em cuja parte III, encontramos:

E uma alegria de barcos embandeirados erra
Numa diagonal difusa
entre mim e o que penso...

No caso anterior, Fernando Pessoa estabelecia o intervalo entre silêncio e palavra e injetava a questão do **logos** fundador do ser. Ia mais além: ao indagar "Quem é que me vê?" abria a instância do reconhecimento como forma de lograr uma consciência para-si.

Agora, "entre mim e o que penso..." Está lançado um jogo que perseguirá o poeta.

A divisão interior, entre um "mim" indireto – um ser psicofísico completo, integrado por sua existência, pelos seus modos e tempos associados – e "o que penso" – um presente articulador da consciência, com suas projeções e recuos – constitui o principal impacto da poesia pessoana. E o intervalo entre aqueles dois elementos vem a ser a temática mais persistente da pesquisa do poeta.

Entre mim e o que penso, que haverá? "**Corre um rio sem fim**", dirá em certo momento:

Entre o sono e o sonho
Entre mim e o que em mim

É o quem eu me suponho
Corre um rio sem fim.

A sondagem deste espaço abissal, em que talvez se oculte a essência, compõe uma das searas verbais do poeta.

Outra, certamente, é a confissão contida no V soneto dos "Passos da Cruz": **Meu império é das horas desiguais.**

Por aí se infiltra o reconhecimento da assimetria com que as emoções e a reflexão se apresentam ao espírito. Fernando Pessoa tinha plena consciência da variedade dos instantes e procurou registrar as diferentes partes do poliedro giratório que sentia em constante rotação no interior da mente.

Uma estrofe de poema composto em 1933 registra esta perspectiva desconcertante:

Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.

Tal relativismo, elevado a uma grande potência, é que o afasta cada vez mais das decantadas descobertas da Ciência e da Técnica, embora não fosse indiferente ao ruído das máquinas que povoavam o mundo.

Ao contrário, tentou incorporá-las ao universo poético, sem fazer delas artigo de fé. Com o grupo de **Orfeu** teve um namoro com o Futurismo e sua alucinada fanfarrada em torno do progresso e da velocidade. Mas suspicazmente temperou seu ardor modernizante com as doutrinas ocultistas e as reminiscências da cabala, das ciências ocultas e da alquimia. É que a ele, especialmente, desafiava o enigma do homem, cuja chave procurou no princípio religioso.

Travestido de Álvaro de Campos, Fernando Pessoa apresenta instantes de inquietação histórica. Mas os tem a partir de um ponto de vista do humanismo pletórico, constataativo, diagnosticante, mera contemplação contrariada da miséria social, sem apelo para penetrar-lhe os mecanismos mais profundos. Talvez haja adotado a perspectiva da denúncia, em contraste com o aserto de que **"não uso o coração"**, do poema "Isto" do **Cancioneiro**.

Veja-se esta passagem da "Ode triunfal", tantas vezes estudada, inserida de modicidade e avisos do progresso, dado o tom deduzido a partir do título:

Maravilhosa gente humana que vive como os cães,
Que está abaixo de todos os sistemas morais,
Para quem nenhuma religião foi feita,

Nenhuma arte criada,
Nenhuma política destinada para eles!
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,
Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,
Inatingíveis por todos os progressos,
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!

Fala-nos do homem restituído à sua animalidade, distante, portanto, da consciência de si e muito menos da consciência para-si. É que o animal conhece do desejo apenas a destruição e a incorporação. Uma vez efetuada esta operação, o desejo satisfeito retorna à sua letargia e a consciência se dissipa.

Ainda na série de sonetos de "Passos da cruz" vamos encontrar na conclusão do XII este verso: **Abismo entre o meu sonho e o meu porvir...**

Mas, no soneto seguinte, o XIII, o poeta se intitula **"emissário de um rei desconhecido"** e rememora seu encontro intemporal com Deus, restituído à poesia portuguesa o mito platônico algumas vezes freqüentado por Camões: **De antes do tempo e espaço e vida e ser... / Já viram Deus as minhas sensações...**

Mas o poeta ali, no cumprimento de seu desígnio, dá-se a uma fragmentação interior, conforme se lê nos dois primeiros versos do segundo quarteto:

Inconscientemente me divido
Entre mim e a missão que o meu ser tem.

Fica mais ou menos claro que temos agora uma situação dilemática. O "mim" recolhe as tendências orgânicas do poeta, que hesita entre prosseguir como tal, ou devotar-se às **"instruções do além."**

Em 1917, Fernando Pessoa compõe um poema estribado em perguntas. O primeiro verso já contém a interrogação fundamental:

Para onde vai a minha vida, e quem a leva?

Vê-se que o poeta navega nas ondas do determinismo profético. Já estavam gastas, àquela época, as forças do determinismo científico que alimentara uma literatura pobre e "realista". Ele se punha perguntas metafísicas, depois que o Positivismo houvera gloriosamente decretado o fim da idade metafísica.

Mas os tempos eram de furiosas mudanças. A literatura revelava visíveis sinais de esgotamento, cujas manifestações mais altas estavam nas vanguardas. Acreditava-se já que a palavra poética estava exilada, cedendo passo à prosa, especialmente à prosa de ficção. Alguns poetas concluíram que o tempo era o de seguir as conquistas da prosa: clareza, segurança, vigor, precisão.

Mas Fernando Pessoa, afeito às correntes modernas, elaborava um discurso dual, metade moderno, metade antiquado. Suas preocupações metafísicas eram abissais e seu poder verbal encerrava insuspeitados recantos.

À primeira pergunta determinista, seguem-se outras, como a seguinte:
Que parte de mim, que eu desconheço, é que me guia?

Esta é uma dessas perguntas que contêm em si a resposta. O poeta reconhece a existência de uma parte de si mesmo que o guia e declara que a desconhece. Notável pista para os que tentarem realizar a leitura psicanalítica do desejo e dos interditos em seus poemas.

A menção àquela obscura parte é reforçada por uma assertiva que traz à tona o interdito:

Passo, mas comigo não passa um eu que há em mim.

Ah, este "eu que há em mim"! Ou, como ainda indaga o poeta:

Além da minha alma, que outra alma há na minha?

Neste percurso pelos pontos-chaves do discurso pessoano, espanta-nos mais a divisão do que a unidade do "eu" poético.

É que o "eu" e o "outro eu" funcionam como duas lâminas do dizer do poeta, cuja plenitude somente seria alcançada no jogo entre aqueles dois elementos, talvez sua fusão.

O discurso pessoano emprega-se principalmente no processo de descrever a separação dos dois entes, de polarizá-los e de desvendar na sua dicotomia a razão da poesia.

O vazio dialético de atração/repulsão é que interessa à força dramática do efeito lírico. Daí o paradoxal quiasmo de Fernando Pessoa, que não é nunca positivamente dois, sem se reduzir jamais a ser um (pois deixaria de estar só). Alguns estudos estilísticos têm assinalado que a poesia de Fernando Pessoa privilegia o oxymoron...

Ainda no **Cançãoiro**, um poema de 1931, traduz a incapacidade de se descer ao conhecimento eidético, à essência, como à descoberta do ser na tarefa de **logos**:

O que és não vem à flor
Das frases e dos dias.

Curioso é que o poeta acrescenta que o "o que és" não vem à flor dos dias. Fala certamente da solidão do homem, pois a consciência para-si só se admite na busca da objetividade que a presença do outro proporciona. Tal objetividade ainda se encontra submersa, como ficou magnificamente proposto por Fernando Pessoa.

Não raro nos deparamos com o princípio do conhecimento afetivo sobreposto ao conhecimento racional. É que Fernando Pessoa, como se sabe, opunha à miséria da razão o vasto império da fantasia. E às vezes ligava a percepção ao imaginário. É sintomático o poema "Isto", que transcrevemos em parte:

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação,
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Interessa-nos, em particular, algumas afirmações. A primeira que diz:
"Eu simplesmente sinto / Com a imaginação. / Não uso o coração.

Muitas vezes Fernando Pessoa foi acusado de cerebral demais. Tal foi o juízo de Carlos Drummond de Andrade em entrevista para o **Correio Brasiliense**. Em outra ocasião, o poeta brasileiro, falando à revista **Pau Brasil**, afirmou: "A glória de FP é legítima, porém cumpre joelhar em sua interminável coleção de manuscritos o que ele deu por acabado artisticamente e o que é esboço de construção." (**Pau Brasil**, jan/fev., 1986, p. 57).

Já outro poeta, João Cabral de Melo Neto, encontra nele e na poesia portuguesa de modo geral demasiada subjetividade.

Mas, tanto o cerebralismo, quanto a subjetividade, a nosso ver, não constituem derrotas do poeta. O gênio de Fernando Pessoa trepidaria talvez nas convicções políticas e sociais que alguns poemas e pronunciamentos deltam entrever. Chegam, no seu tom ingênuo e antiquado, a causar espanto.

Voltando ao poema "Isto", assinalemos, além da imaginação que sente e do ausente coração, a imagem de algo indefinido, "... um terraço/Sobre outra coisa ainda", coisa essa, na visão de pleno estranhamento do poeta, "que é linda." Ou seja, a beleza val refugiar-se justamente na arquitetura de um lugar abstrato.

Muitas vezes o leitor de Fernando Pessoa se defronta com a vaguidão de algumas idéias ou sentimentos, projetados no labirinto de recordações oníricas. A paisagem do sonho torna-se campo fértil da articulação simbólica, tão atraente como a fonte do mito:

Houve um ritmo no meu sono,
Quando acordei o perdi,
Por que saí do abandono
De mim mesmo, em que vivi?

Não sei que era o que não era,
Sei que suave me embalou,
Como se o embalar quisera
Tomar-se outra vez quem sou.

Houve uma música finda
Quando acordei de a sonhar,
Mas não morreu: dura ainda
No que me faz não pensar.

Não são apenas o sonho e o mito a morada das sensações espessas de significado, de mistérios que aguardam a ação verbal do poeta para os materializar. Merleau-Ponty, conforme vimos, fala do "milagre" de uma "união mística" do som e do sentido. E refere-se a uma "transcendência ativa do homem".

Fernando Pessoa usa várias sensações obtusas que trazem consigo a camada poética. A audição, por exemplo, neste trecho de um poema de 1935:

Acaso o nosso ouvido ouvia
Qualquer coisa do mar sem ser o mar
Sereias só de ouvir e de não achar?

O poder evocador aqui explorado é uma das forças eternas da arte. Perante a obra de arte sempre estamos evocando emoções, sentimentos, esperanças. O confuso ruído deste "mar sem ser o mar" haverá de presentificar o vulto de algo — o antigo português que fala o mar! — conforme conclui o poema.

Nesse poema, aliás, Fernando Pessoa realiza uma invocação, como que a implorar a uma divindade oculta o poder do conhecimento:

Se no fundo ignorado do existir
Há mais alma que a que pode vir
À tona vã de nós, como à do mar,
Fazei-me livre, enfim, de o ignorar.

Essa atitude que demanda o milagre da revelação é mais que aquela que encontramos atrás, em versos de paralela inspiração imagética:

O que és não vem à flor
Das frases e dos dias.

Nestas, tinhamos um registro dramático. Agora, uma prece carregada de esperança exaltadora do "antigo português".

Na busca do sentimento de plenitude, há momentos elevados em Fernando Pessoa. O que se percebe é a tentativa de se colherem virtualidades, riquezas invisíveis, propriedades insuspeitas que residem além da tradução literal do universo. Algo que fica além das sensações.

Nos versos que se seguem, de 1935, o poeta constrói um dos seus instantes de alta tensão poética. Neles, Fernando Pessoa elabora, com os seus surpreendentes truques verbais, um prolongado corpo de verdades poéticas:

Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida,
Há tanta coisa que, sem existir,
Existe, existe demoradamente,
E demoradamente é nossa e nós...
Por sobre o verde turmo do amplo rio
Os circunflexos brancos das gaivotas...
Por sobre a alma o adejar inútil
Do que não foi, nem pode ser, e é nada.

3. A Poesia do Inefável

Quando Fernando Pessoa adota a personalidade de Alberto Caelo, o poema II de *O guardador de rebanhos* preceitua:

Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo...

São dizeres em que o poeta é freqüente, aqueles em que pontua a metamorfose acima de tudo.

A metamorfose integra plenamente a magia pessoana, pois é através dela que o poeta exerce a sua faceta coreográfica, os seus atributos de pluralidade e seu evidente dilaceramento interior.

Quando Fernando Pessoa se transforma em Álvaro de Campos, na "Ode marítima", um desses poemas-vórtice, em que se ensaia acumular uma cosmogonia atada a todo o processo histórico e a toda uma explicação de si, não é outro o sentido do trecho seguinte, no qual se pode ler o sortilégio da metamorfose:

Nós os homens construímos
Os nossos cais de pedra atual sobre água verdadeira,
Que depois de construídos se anunciam de repente
Cousas-Reais, Espíritos-Cousas, Entidades em Pedra-Almas,
A certos momentos nossos de sentimento-raiz

Quando no mundo-externo como que se abre uma porta
Tudo se revela diverso,

Mas, além da metamorfose, predomina o governo de estados ainda não definidos em nossa dimensão espacial, uma tentativa de romper os limites, de transcender, como se tem no poema "A casa branca nau preta":

E a personalidade que tenho está entre o corpo e a alma...

Quem dera que houvesse

Um terceiro estado pra alma, se ela tiver só dois...

Um quarto estado pra alma, se são três os que ela tem...

A impossibilidade de tudo quanto eu nem chego a sonhar

Dói-me por detrás das costas da minha consciência de sentir...

Aí está o poder radical de transmigração, que o poeta sabe descrever tão bem. E, a seguir, realiza a defesa deste ambíguo estado de alma, reclamando-lhe legitimidade maior do que a satisfação da curiosidade do saber, pois o que é certo, basta:

E é sempre melhor o impreciso que embala do que o certo que basta,
Porque o que basta acaba onde basta, e onde acaba não basta,
E nada que se pareça com isto devia ser o sentido da vida...

Na parte **Poesias coligidas, 1919-1935**, surpreendemos no poema de 18-5-30, esta questão intrigante:

Que névoa incógnita esvoaça
Entre o que sinto e o que sou?

Neste ponto, Fernando Pessoa apresenta a divisão entre "ser" e "sentir", para evidenciar mais uma vez que o ser se completa além da percepção sensorial. É como se o "eu" fosse o resíduo de todas as percepções. E procura intrinsecamente no intervalo entre os dois campos aquela "névoa incógnita" que traz novo mistério a ser rebuscado pela função poética.

Grande enigma, este. No poema de 5-11-1932, da mesma coleção, este vago lugar se transforma em sono: "Mas entre mim e ver há um grande sono." Pois, mais uma vez se põe, em Fernando Pessoa, algo entre a consciência de si - "entre mim" - e uma das funções cognitivas proporcionadas por um dos sentidos - "ver".

Passando mais adiante, iremos localizar em **Novas poesias inéditas** outras cogitações deste espaço secreto, neste poema de 22-4-1934:

Tudo que sou não é mais do que abismo
Em que uma vaga luz
Com que sei que sou eu, e nisto cismo,
Obscura me conduz.

Um intervalo entre não-ser e ser
Feito de eu ter lugar
Como o pó, que se vê o vento erguer,
Vive de ele o mostrar.

Divisões ocorrem repetidas vezes na inspiração do poeta. Em 21-8-1934, por exemplo, vêm estes versos: "Porque a vida é dividida/ Entre quem sou e a sorte." Nesta reflexão, o poeta atribui à "vida" duas forças: a que compõe o ser consciente, "quem sou", e a que é devida a fatores externos, "a sorte", esta força obscura tantas vezes refletida na tragédia grega, como tantas vezes inscrita na mitologia.

Fernando Pessoa vai mais longe na pesquisa de regiões recônditas do ser. Encontramos, por exemplo, entre as **Novas poesias inéditas**, o trecho final daquela que leva o n. 932, sem data, bastante elucidativo:

Meu próprio diálogo interior divide
Meu ser de mim.

Mas é quando dou forma e voz do 'spaço
Ao que digo
Que abro entre mim e mim, quebrado um laço,
Um abismo infinito.

Ah! quem dera a perfeita concordância
De mim comigo,
O silêncio interior sem a distância
Entre mim e o que digo!

Melhor retrato da fratura interior não poderia haver. E, utilizando o tropo da exageração, o poeta coloca "entre mim e mim" "um abismo infinito".

A tentativa de plenitude ou talvez a dramatização do estado de imperfeição humana estará em outros poemas. Neste o que temos é o lamento elegíaco de o poeta não se sentir capaz de encontrar-se, ou seja, de não obter a perfeita concordância "de mim comigo", velho tema da lírica portuguesa, reminiscência do poema de Sá de Miranda: "Comigo me desavim". Mas, ao tratar do tema, Fernando Pessoa a atualiza e expõe "a distância entre mim e o que digo", versos muito felizes da mediação entre o "ser" e o "logos".

Na concepção de J. Kohen, a estratégia poética tem por único fim a mudança de sentido.

Ora, Fernando Pessoa está permanentemente revalorizando alguns dos problemas eternos do homem, a invariante metafísica que indaga sobre quem somos e qual nosso destino, geralmente retomada sob diferentes formas na expressão poética de cada época.

A originalidade do poeta, dentro da expectativa enunciativa, estará sempre no desvio, na revolução do conceito ou no ineditismo da forma.

Muitas vezes, na procura da significação, a poesia marcha pelo campo conceitual puxando o **logos** ou alegorizando uma reflexão. Outras vezes, encaminha-se para o terreno mais sóbrio, o dos mitos, vale-se da simbologia para enfrentar o inefável.

Para ambos os procedimentos, Fernando Pessoa contribuiu poderosamente, quer se apoiando no conhecimento sensorial ou categorial, quer se valendo da capacidade intuitiva. Tudo como forma de aproximação encantatória da essência, mobilizando meios segundo o sentido virgiliano da "concordia de coisas dissemelhantes".

Sempre nos fascinou o modo com que Fernando Pessoa se voltou para captar a alma como consciência de si e das coisas. Numa daquelas suas formas sentenciadas, inicia o soneto que leva o n. 931 da coleção **Novas poesias inéditas** deste modo:

Dormi, sonhei, No informe labirinto
Que há entre o mundo e o nada me perdi,

Entre o mundo e o nada... A metafísica posterior a Hegel deu mergulhos insistentes neste campo. Heidegger e Sartre mantiveram aquecida a dualidade para a travessia especulativa.

Para o poeta, interessa mais o "labirinto" interposto. É o reconhecimento da falsidade da percepção, como se vê do verso que abre o primeiro terceto: **Minha alma é um ser que a verdade engana.**

Mas voltemos ao abismo ou labirinto que intermedeia o "eu" e a consciência de si. Parece que Fernando Pessoa, na sua fragmentação interior, demora elaborar a certeza de si, primeira etapa para o processo de vinculação com o outro, a consciência para-si. Daí, talvez, o impasse da sociabilidade na sua função poética, a sua desistência política ou o conservadorismo saudosista.

A nossa pesquisa se volta mais para a dizibilidade do indizível no poeta, este contorno do primado fenomenal para o confronto "trunfa" com o outro lado do real, esta revelação deslumbrada da parte oculta.

Na verdade, localizamos no verbo de Fernando Pessoa uma verdade prelingüística ou conceitual, um limbo em que se manifestam traços significativos, relâmpagos de impressões, uma antecipação de estados que a experiência empírica ainda não incorporou a si ou que está na iminência de se tornarem patentes.

A interferência do poeta tenta liberar o sentido cativo das coisas, preso ainda ao mundo antepredicativo, prelinguajero, recapturando o **logos** selvagem bruto, para transformá-lo em **logos** falado, em verdade poética.

Sentimos na procura insofrida de Fernando Pessoa da dizibilidade uma natureza ao mesmo tempo recuperadora (arqueológica) e criadora (teleológica) da expressão. Dá-se, juntamente com a atmosfera antepredicativa, a redescoberta da existência vivida, de sua dizibilidade, que vem a ser a promoção da existência a seu sentido.

A ironia em Fernando Pessoa constitui uma parada diante do mistério, uma reverência à incapacidade de a mente humana poder ir adiante. Nas palavras de Alberto Caeiro, cujo poema V de **O guardador de rebanhos** reza inicialmente que **Há metafísica bastante em não pensar em nada**, temos:

O mistério das coisas? Sei lá o que é o mistério,
O único mistério é haver quem pense no mistério.

O mesmo clima é assinalado no poema IX, em que a percepção, somente a apreensão sensível, realiza a verdade. Curiosa redefinição das "correspondências" simbolistas:

Sou um guardador de rebanhos,
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações,
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Temos, a seguir, no poema X de Caeiro, a crítica do mundo da percepção, talvez uma arqueologia do vivido:

"Olá, guardador de rebanhos,
Atã beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?"

"Que é vento, e que passa
E que já passou antes,
E que passará depois,
E a ti o que te diz?"

"Muita cousa mais do que isso,
Fala-me de muitas outras cousas,
De memórias e de saudades
E de cousas que nunca foram."

"Nunca ouviste passar o vento,
O vento só faia do vento.

O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti."

Mas, a vivência perceptiva também é limitada. Já vimos, como em Fernando Pessoa este lado dramático do homem emerge, o ser humano com suas imperfeições. Mesmo dispondo de aguçados sentidos, o poeta se deixa vencer pelo olhar incurioso de ver sem observar, sem julgar nem dispor.

Atente-se no final do poema 274 da coleção de Alberto Caeiro: "Sentir é estar distraído."

4. A alma é literatura

Das *Poesias coligidas/inéditas* consta um pequeno poema, talvez um esboço, de 12.12.1919:

Meu ser vive na Noite e no Desejo,
Minha alma é uma lembrança que há em mim.

A partir deste dístico, pode-se realizar uma investigação em plena conformidade com as preocupações especulativas de nossos dias, enfiadas na forte presença de Freud durante o século e nas disquisições da Fenomenologia, fundamentais para a heurística do conhecimento humano.

A "Noite" e o "Desejo" figuram como o refúgio das forças fundamentais do espírito. E, ao mesmo tempo, constituem a metáfora do silêncio e da palavra (determinações que no limite coexistem), ante a perquirição da extensão e da compreensão do saber, assim como, no âmbito do método, oferecem o intervalo discreto entre as oposições em que o discurso humano se realiza.

Ademais, a declaração do segundo verso incorpora notável sentido vivencial, equiparando a alma ao vivido. Aí podem-se acumular, além da reminiscência pessoal, a memória coletiva e, além desta, a lembrança da Idéia, que o mito platônico recolhe. Assim, a alma passa a ser não somente reservatório da aventura humana, mas também a recordação do lume transcendental.

O verso recupera a noção de que o mundo é uma constelação de letras dispostas em alfabeto que cumpre decifrar.

Mas aí o homem (alma) aparece fora da História, em que ele se produz, em que o homem é criação de si mesmo. Aí, contrariamente, ele surge como um fato acabado, memória. Fora da História é devolvido ao mundo original, ao campo da magia.

Fernando Pessoa, como vimos, recorrentemente explora a divisão e os espaços vazios e obscuros. Num poema de 10-7-1920 das *Poesias coligadas/inéditas*, está gravado:

Entre mim e o que sou há escuridão.

Este o lugar geométrico do enigma pessoano. Dele é que foi possível ao poeta avizinhar-se freqüentemente do mistério, como que movido pela pulsão do absoluto.

Eram as suas "especulações venenosas", como as chama no *Livro dos desassossegos* (Lisboa, Ática, 1982, vol. II, p. 63), aquelas que o levavam adiante na busca da sensação "... de estar como que sempre à beira de saber um mistério supremo" (Id., *Ibidem*).

Aí, sim, plantou seu verbo, como quem acende uma luz na escuridão. Em poema de 5-11-1932, traduz a equivalenciada poesia com a arqueologia do espírito, recordando Dante e a selva escura, pois, afinal, "a alma é literatura":

Ou seja a selva escura
Ou seja um Dante mais diverso,
A alma é literatura
E tudo acaba em nada e verso.